



A CULTURA NORDESTINA EM FOCO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Roberlânia Alves Barbosa; Renally Arruda Martins de Lima; Magliana Rodrigues da Silva

UEPB - roberlaniaalves@hotmail.com; UEPB – renallyamlima@hotmail.com; UEPB – maglianarodrigues@hotmail.com

RESUMO: Este artigo trata de um relato de experiência, realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, através do PIBID-LETRAS/UEPB, na qual realizamos um trabalho sobre as variedades linguísticas da nossa língua materna, atrelando esse trabalho a uma temática de importante relevância para o âmbito escolar regional, a Cultura Nordestina. O artigo mostra o que e quais os métodos que utilizamos para tornar possível o contato com essa cultura de uma forma mais teórica, apresentando também o resultado que obtivemos através da aplicação da sequência “Não troco meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”, trazendo, através de imagens, alguns dos cordéis produzidos pelos alunos. Como embasamento teórico para o artigo é válido destacar autores como Marcuschi (2002/2008), Bagno (1999), além dos documentos oficiais OCEM e PCN’s. O resultado do nosso trabalho aponta a importância da inserção da cultura nordestina através do gênero cordel, tendo por base a assertiva de que a língua é um meio social que promove, além de articulações entre as pessoas, a constituição social do indivíduo.

Palavras-chave: Variação linguística. Cultura nordestina. Gênero Cordel.

INTRODUÇÃO:

O Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID, especificamente o que atende ao curso de Letras - Língua Portuguesa, abriu um leque de oportunidades aos docentes com relação à questão do aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, pois foi formulado com bases em documentos oficiais, como por exemplo o OCEM e os PCN. O projeto Nas trilhas da língua Portuguesa: o texto em foco, vinculado ao PIBID-LETRAS, atendendo também aos documentos oficiais, utiliza o texto escrito ou oral como principal meio de ensino da língua materna, trabalhando



sempre a partir de Gêneros Textuais, pois como diz Marcuschi:

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. (MARCUSCHI, 2002. p13)

É com essa concepção que desenvolvemos nossas aulas em busca de um aprendizado mais eficiente, trabalhando com enfoque no gênero, pois através dele o aluno perceberá que a Língua Portuguesa está presente em todos os meios comunicativos, inclusive em seu meio social. Como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio- PCNEM:

Utilizar-se da linguagem como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; é saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção. (BRASIL, 2000, pg. 10)

Para essa ação, optamos por trabalhar em torno do gênero cordel, pois ele é um gênero literário popular, escrito na forma rimada, apresentado em folhetos com preços acessíveis, que tem como características a linguagem simples e o lúdico, o que acaba proporcionando uma leitura prazerosa, e também versátil, com variados temas. Como afirma Marinho e Pinheiro (2012), é possível discutir vários assuntos a partir de um folheto, dentre eles política, sociedade, variações linguísticas, que poderão ser inseridos nas aulas de português e em diversos contextos educacionais. O gênero cordel facilita a interação em nossas aulas, pois além de ser um gênero discursivo que pode ser encontrado tanto escrito, impresso em livretos, como oral, já que pode ser cantado e narrado com o acompanhamento de viola, ele também faz parte da cultura de Campina



Grande-PB.

A importância de implantarmos os diversos gêneros em nossas aulas resulta da convicção de que o aluno possa entender que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” (MARCUSCHI, 2008, p.154). Com isso, o aluno poderá compreender que as diversas situações comunicativas irão requerer dele habilidades de manusear a língua de acordo com o recinto.

Além dos gêneros também serem usados como ponte entre o aluno e a leitura, eles nos serviram como objeto de estudo da própria língua, principalmente na desmitificação do certo e do errado na Língua Portuguesa, pois, com a vivência em sala de aula, percebemos que muitos discentes desconhecem o fenômeno das Variações Linguísticas de nossa língua, com isso o preconceito em torno de certos usos da língua é evidente. Sentimos a necessidade de expor para os discentes que a Língua Portuguesa não se trata apenas de uma unidade uniforme, e sim de um sistema repleto de variedades, pois como diz Bagno:

“Este é o maior e o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele.” (BAGNO, 1999,p.15)

Com essa preocupação, procuramos elaborar uma sequência didática que abordasse a linguagem nordestina, assim como sua cultura, para traçarmos um caminho que seguirá até a redescoberta dos aspectos que fazem parte da língua nordestina por parte dos alunos.



METODOLOGIA

Há tempos o ensino da Língua Portuguesa sempre foi contemplado como um ensino que aborda em seus textos apenas a gramática tradicional. Segundo os PCN de Língua Portuguesa (2000), outros fatores sempre foram presentes, tais como:

“A desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos, a excessiva escolarização das atividades de leitura e de escrita, o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais.” (PCN, 2000, p.18).

As OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio – também surgiram como suporte para o ensino, enfatizando, entre outras coisas, que o ensino de Língua Portuguesa deve envolver reflexões sobre as práticas de ensino e de aprendizagem, "isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade" (OCEM, 2006, p.28).

Com a sugestão das OCEM, no segundo período de atividades do PIBID, decidimos, através da sequência didática, trabalhar vários aspectos da cultura nordestina, como as músicas, poemas, piadas e, principalmente, o cordel, gênero fortemente reconhecido em nossa cultura. Inovamos nossas aulas, ressaltando o falar nordestino, pois é um ótimo recurso para estudarmos aspectos da nossa língua, assim como a nossa cultura, pois como enfatiza Bagno:

Durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais se dedicaram exclusivamente à língua escrita literária, formal. Foi somente no começo do século XX, com o nascimento da ciência linguística, que a língua falada passou a ser considerada como o verdadeiro objeto de estudo científico. Afinal, a língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência. (BAGNO, 1999, p. 50)



Através da construção da sequência programada para dois meses, colocamos também em evidência o favorecimento do posicionamento crítico dos alunos diante do preconceito linguístico presente em nossa sociedade. Sobre essa questão, Bagno, em seu livro de maior destaque *Preconceito linguístico: o que é como se faz*, cita os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 e afirma que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BAGNO, 1999, p. 18)

Diante desse fato, procuramos inserir em nossa sequência textos que enaltecem o falar nordestino. Escolhemos uma frase pertencente ao grande dramaturgo paraibano Ariano Suassuna para dar título ao nosso módulo: “Não troco meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”, para instigar a autovalorização do aluno como ser nordestino. Iniciamos as aulas, lembrando as brincadeiras nordestinas através da dinâmica “passar o anel”, com o intuito de saber o que os discentes pensam sobre a sua própria cultura através dos questionamentos a serem respondidos por aquele que, na brincadeira, retivesse o anel. Nas primeiras aulas, promovemos o contado do aluno com o gênero cordel, para que pudessem ter maior intimidade possível com o gênero, já que seria pedida a produção desse gênero ao final da sequência. Nos próximos encontros com os alunos, abordamos as variedades que influenciam na língua de nosso país, como: variedade regional, temporal, social, formal e informal.

Para adentrarmos no assunto da variedade regional, começamos com leituras de piadas que reproduziam o falar característico de vários personagens correspondentes aos



vários estados do Brasil. E, para enriquecer mais ainda a nossa aula, recitamos poemas do livro *Ciço de Luzia*, do autor paraibano Efigênio de Moura, para que os alunos pudessem perceber também que há variações regionais em um mesmo estado. A leitura de textos sobre o falar de cada região foram indispensáveis para passarmos aos alunos a ideia de que:

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. (BAGNO, 1999, p. 44)

No tocante a variedade temporal, lemos grande parte da obra *Ciço de Luzia* para que os alunos pudessem identificar léxicos arcaicos que não estão mais em uso atualmente. Nos momentos em que trabalhamos a variedade da língua em decorrência do fator social, recorreremos à leitura do poema “Morte e Vida Severina”, do autor João Cabral de Melo Neto, com a finalidade de identificar os estereótipos nordestinos em sua forma de falar.

Para trabalhar a variedade formal e informal, os alunos leram a adaptação para cordel do romance de Aluísio de Azevedo, *O cortiço*. Com essa atividade, eles perceberam que existe na língua o seu lado formal e informal, pois como fiz Bagno:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BOnito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai



interpretá-la de um modo todo seu, particular! (BAGNO, 1999, p.45)

Com isso, discutimos com os alunos sobre os usos da nossa língua e enfatizamos que, assim como as nossas vestes, devemos adequar a nossa língua às diversas situações nas quais podemos estar inseridos. Através do gênero cordel, estudamos também os conteúdos como os versos e rimas, oralidade, musicalidade e elementos do imaginário cultural. Durante toda a sequência, também houve atividades lúdicas como oficinas de produção de cartazes, realização de palestras sobre a cultura nordestina, visitas ao museu dos Três Pandeiros, passeios ao Parque da Criança. Ao final, de acordo com que os alunos vivenciaram nesse período e em conformidade com a inspiração de cada um, os alunos produziram com eficácia um cordel sobre a cultura nordestina. Veja a seguir o resultado dessa produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do trabalho realizado na Escola Félix Araújo, tendo por base a Sequência didática “Não troco meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”, percebemos a realidade do que de fato pensavam os alunos no tocante ao falar brasileiro. Antes de iniciarmos o trabalho, o preconceito linguístico era algo perceptível nas discussões com os educandos, visão que foi totalmente transformada ao longo da sequência, que possibilitou a realização de um estudo aprofundado acerca das variedades linguísticas, a partir de exemplos consoantes à realidade da cultura nordestina.

Verificamos ainda que, apesar de naturalmente nordestinos, muitos dos nossos alunos desconheciam importantes aspectos da sua cultura, que foram sendo apresentados durante a execução da sequência, na qual atrelamos a temática ao conteúdo pretendido, levando sempre em todas as aulas um exemplar do cordel, gênero também a ser trabalhado na produção final, para que todo alunado fosse conhecendo e interiorizando todas as características pertinentes para a elaboração de um cordel.

O resultado da sequência pode ser observado por meio da produção final dos alunos, que traduz o que eles absorveram de mais importante acerca da Cultura nordestina e sobre o gênero cordel. A seguir, veja dois dos cordéis produzidos pelos alunos.



O Fôrro de Zebrai

Autora: Leticia Sousa

No fôrro de Zebrai
Tem muita emoção
E tem arrasta-pé
Dança até o João

A rua está movimentada
Cheia de moça
Que está toda enfeitada
E não tem nem parada 1

Dona Joana dançou
Com o Ciço Ferreiro
Que alcançou
O prêmio de melhor danceteiro

Tem quadrilha a noite inteira
Nem o Severino
Vai ficar de bobeira
Dança até o menino

2

A molecada não fica parada
Brincando e dançando
Por toda a noitada
Sem ficar descansando

E tem dona Maria
Que faz pamonha e canjica
Nos deixando feliz da vida
Com sua cultura rica

3

Tem até casal apaixonado
Que fica paquerando
Ou até grudado
Pela rua andando

Toca xote, maracatu e baião
Para o povo arrastar o pé
No meio do salão
Até ficar lelé

4

A palhoça está enfeitada
Com bandeirinhas e balões
Fazendo parte da noitada
Com cantigas e canções

No forró de Zebrai
Tem uma demonstração
Da cultura nordestina
Que está no nosso coração.

5

Imagem 1: Cordel produzido pela aluna Letícia Sousa.



São João de Campina Grande

Autor: Ítalo Ferreira

O São João de Campina Grande
É o maior do mundo
Não tem pra Caruaru
Que só fica em segundo.

Elba Ramalho não fica de fora
Paraibana e nordestina
Que nasceu em Campina
Toca no São João à qualquer
hora.

1

Zé Ramalho um bom cantor
E também compositor
Gosta de Raul Seixas
Seu inspirador

Nas ruas de Campina
Tem fogos e bombas
Tem festas de arromba
É a maior adrenalina

2

Os balões já são proibidos
Se você não soltasse
Eu ficaria agradecido

A dança em Campina
É a quadrilha nas escolas
É feito nas ruas
Onde todos olha.

3

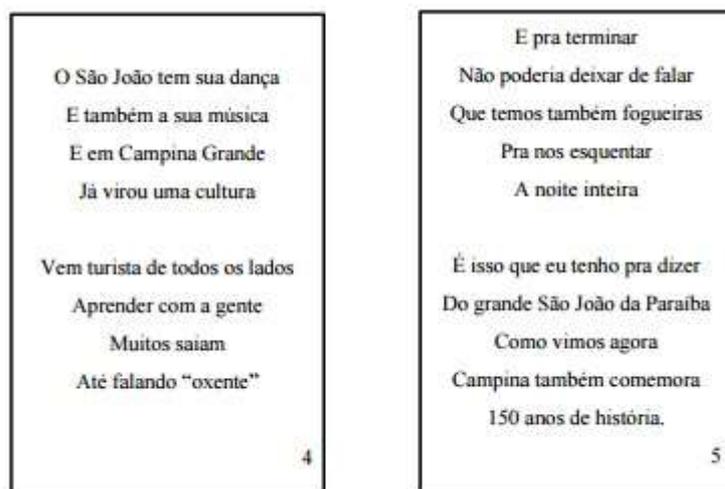


Imagem 2: Cordel produzido pelo aluno Ítalo Ferreira.

CONCLUSÃO:

Com base na aplicação e execução da nossa sequência didática, que teve como foco a Cultura Nordestina, é perceptível o quanto ainda são desconhecidas as mais variadas formas de cultura no âmbito escolar. Ao final da sequência, percebemos que os alunos passaram a ter uma visão menos preconceituosa da própria cultura e de si mesmo, já que muitos aspectos da cultura e do falar nordestino que foram abordados durante as aulas, para eles, não passavam de “coisa de nordestino”.

Sobre a variação linguística, vimos a necessidade de trazer para a sala de aula a língua materna de uma forma mais ampla, apresentando as variações não como um “erro de português”, mas sim como as variadas formas de tornar possível a comunicação



entre os indivíduos.

É perceptível ainda que o preconceito linguístico impregnado na mente dos alunos, através de um ensino tradicionalista da Língua Portuguesa, desencadeia muitas vezes um preconceito consigo mesmo, que precisa e deve ser combatido através de um estudo menos desmitificado, mostrando que não há certo ou errado, e sim formas adequadas e inadequadas de se expressar através da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: como é, como se faz.** 49 ed. In: 1º mito: A língua portuguesa no Brasil apresenta uma unidade surpreendente. São Paulo: Loyola, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compressão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In:



DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.